



O expressionismo presente no filme Joker (2019) de Todd Phillips

EXPRESSIONISM PRESENT IN TODD PHILLIPS' JOKER (2019)

RONDINEY DE SOUZA ALVES

<https://orcid.org/0009-0004-9403-3838>

DÍLSON CÉSAR DEVIDES

<https://orcid.org/0000-0001-8237-672X>

Resumo: Este artigo tem como objetivo principal analisar as características do movimento expressionista no filme Joker (2019), dirigido por Todd Phillips, destacando como elementos visuais e estéticos contribuem para a construção da narrativa e do personagem Arthur Fleck, o protagonista. Especificamente visa explorar a representação psicológica de Fleck como um elemento recorrente na estética expressionista, assim como comparar o filme com obras clássicas do cinema expressionista alemão e identificar elementos no filme que corroborem sua ligação com o movimento artístico germânico. A metodologia inclui a análise fílmica de cenas-chave, considerando a composição de cena, iluminação e mise-en-scène, além de uma abordagem comparativa para identificar semelhanças estilísticas e temáticas com a estética expressionista. A base teórica está fundamentada em estudos sobre cinema expressionista de Argan (1992), e conceitos de análise fílmica de Bordwell e Thompson (2013), além de contribuições de Denise Guimarães (2012) e Pedro Guimarães (2016). Os resultados obtidos confirmam o êxito do trabalho ao evidenciar como Joker incorpora efetivamente elementos expressionistas, demonstrando a relevância da estética expressionista na construção da experiência cinematográfica e na profundidade do personagem principal.

Palavras-chave: Joker; Expressionismo; Cinema.

Abstract: This article's main objective is to analyze the characteristics of the expressionist movement in the film Joker (2019), directed by Todd Phillips, highlighting how visual and aesthetic elements contribute to the construction of the narrative and the character of Arthur Fleck, the protagonist. Specifically, it aims to explore Fleck's psychological representation as a recurring element in expressionist aesthetics, as well as comparing the film with classic works of German expressionist cinema and identifying elements in the film that corroborate its connection with the Germanic artistic movement. The methodology includes film analysis of key scenes, considering scene composition, lighting and mise-en-scène, as well as a comparative approach to identify stylistic and thematic similarities with expressionist aesthetics. The theoretical support is based on studies on expressionist cinema by Giulio Carlo Argan (1992), and concepts of film analysis by David Bordwell and Kristin Thompson (2013), as well as contributions by Denise Azevedo Duarte Guimarães (2012) and Pedro Maciel Guimarães (2016). The results obtained confirm the success of the work by showing how Joker effectively incorporates expressionist elements, demonstrating the relevance of expressionist aesthetics in the construction of the cinematic experience and the depth of the main character.

Keywords: Joker; Expressionism; Cinema



INTRODUÇÃO

Originado nas artes plásticas e literárias na virada do século XX, o Expressionismo visava apresentar uma forma de arte mais íntima e subjetiva, estabelecendo uma comunicação direta com o espectador e evocando suas angústias, medos e ilusões. Essa proposta era concretizada nas pinturas por meio de traços fortes e abstratos, no cinema, através de atuações intensas, maquiagens estilizadas e cenários abstratos e distorcidos, que contribuíam para uma atmosfera densa e carregada.

Partindo dessa concepção, alguns filmes contemporâneos emergem sob a influência do expressionismo, empregando distorções, exageros e deformações na construção de suas narrativas e na caracterização de personagens. Neste contexto, o presente artigo analisa como *Joker* (2019), dirigido por Todd Phillips, adota aspectos expressionistas em sua composição, desde a caracterização do protagonista até outros elementos centrais da narrativa.

O trabalho está estruturado em três partes principais. A primeira seção fornece uma conceituação detalhada do Expressionismo, abordando sua origem histórica e suas influências no cinema contemporâneo. Em seguida, será apresentada uma análise do filme *Joker* (2019), detalhando seu enredo e pontos centrais. A terceira seção é dedicada à análise da obra, com o objetivo de identificar e discutir os aspectos expressionistas presentes em sua composição.

Ao investigar como o filme incorpora elementos expressionistas, desde a construção visual até a caracterização do protagonista, o estudo proporciona uma perspectiva renovada sobre a continuidade e a adaptação do movimento expressionista no cinema atual. As conclusões alcançadas não apenas destacam a relevância duradoura das técnicas expressionistas, mas também oferecem insights sobre como essas práticas históricas são reinterpretadas e aplicadas para refletir questões contemporâneas. A análise proposta visa enriquecer o debate acadêmico sobre a interseção entre estética histórica e cinema moderno, contribuindo para uma apreciação mais profunda das estratégias narrativas e visuais que moldam a experiência cinematográfica atual.

O EXPRESSIONISMO E O CINEMA

O cinema, como forma de expressão artística, tem sido intrinsecamente influenciado por uma diversidade de movimentos ao longo de sua história. Dentre eles, o Expressionismo destaca-se como uma força revolucionária que transcende fronteiras estilísticas para explorar a psique humana. Essa estética aborda a complexidade das emoções de maneira intensa e subjetiva, sendo reconhecida como um dos estilos mais proeminentes e, simultaneamente, mais desafiadores de definir com precisão.

Em *O olho interminável [cinema e pintura]* (2004), Aumont reflete sobre o Expressionismo, destacando as dificuldades em defini-lo. Ele observa que o termo surgiu como uma reação vanguardista ao Impressionismo na pintura, caracterizando-se principalmente por uma série de recusas: à aparência na pintura, à psicologia no teatro e na literatura, e às convenções de toda ordem.

Segundo Giulio Carlo Argan (1992), as premissas para o Expressionismo surgiram de um intenso debate de ideias, representando uma proposta artística germânica de alcance europeu como uma alternativa dialética à hegemonia da cultura artística francesa associada ao Impressionismo.

O autor afirma ainda que:

Comumente chamada de expressionista é a arte alemã do início do século XX. O Expressionismo, na verdade, é um fenômeno europeu com dois centros distintos: o movimento francês dos fauves ("feras") e o movimento alemão Die Brücke ("a ponte"). Os dois movimentos formaram quase simultaneamente em 1905 e desembocam respectivamente no Cubismo na França (1908) e na corrente Der blaue Reiter ("o cavaleiro azul") na Alemanha (1911). A origem comum é a tendência antiimpressionista que se gera no cerne do próprio Impressionismo, como consciência e superação de seu caráter essencialmente sensorial, e que se manifesta no final do século XIX com Toulouse-Lautrec, Gauguin, Van Gogh, Munch e Ensor (Argan, 1992, p. 227).

O Expressionismo encontrou terreno fértil no cenário cinematográfico alemão durante as décadas de 1910 e 1920. Diante do isolamento que a Alemanha enfrentava, o governo adotou, em 1916, a medida de proibir a exibição de filmes estrangeiros no país. Essa decisão teve implicações culturais significativas, pois já existiam movimentos que buscavam enaltecer a cultura alemã em detrimento das demais. Além disso, razões financeiras, como a acentuada desvalorização da moeda nacional, tornavam inviável a importação de obras estrangeiras, especialmente as americanas.

Inicialmente impopular, essa medida acabou por incentivar significativamente a produção cinematográfica doméstica, que aumentou de 24 filmes em 1915 para 130 em 1918. Para contornar a escassez de orçamentos robustos, decorrente da recuperação financeira pós-Primeira Guerra Mundial, os primeiros filmes desse movimento adotaram cenários pouco realistas, utilizando pinturas e abstrações como pano de fundo. Essa abordagem era necessária, sobretudo porque, na década de 1920, o cinema ainda era predominantemente mudo.

Essas escolhas criativas proporcionavam uma experiência menos convencional e mais suscetível a interpretações por parte da audiência, mascarando eventuais limitações técnicas e efeitos que poderiam ser desfavoravelmente comparados com as produções estrangeiras que haviam dominado os cinemas alemães nos primeiros anos do século XX. Para conferir maior carga dramática, esses filmes faziam uso intenso de recursos estéticos exagerados, explorando elementos fantasiosos e inspirando-se na mitologia e no classicismo germânicos, que viviam um momento de grande influência no país. Narrativas envolvendo monstros culturais, histórias clássicas e filmes de terror baseados na atmosfera da guerra foram pioneiras nesse movimento, frequentemente marcadas por conflitos e disputas de poder entre seres míticos, amplamente apreciados na Alemanha da época.

No contexto do cinema expressionista predominavam os gêneros de suspense, terror, ficção científica e fantasia. Entre as diversas produções do movimento, destacam-se *O Golem* (1920), de Paul Wegener, *Da manhã à meia-noite* (1920), de Karl Heinz Martin, e *Figuras de Cera* (1924), de Paul Leni. No início da década de 1920, o movimento expressionista no cinema atingiu seu ápice em Berlim, personificado por obras como *O Gabinete do Dr. Caligari* (1920), dirigido por Robert Wiene, *Nosferatu* (1922), de Friedrich Wilhelm Murnau, e *Metrópolis* (1927), dirigido por Fritz Lang, este último destacado como uma obra seminal do Expressionismo e do cinema mudo, reconhecido por sua fusão de elementos góticos com uma estética futurista.

O Expressionismo havia sido importante na pintura (começando por volta de 1910) e foi rapidamente adotado pelo teatro, pela literatura e pela arquitetura. Agora os diretores consentiam em testá-lo no cinema, aparentemente acreditando que este seria atrativo no mercado internacional. Essa crença se justificou em 1920, quando o filme *O*

gabinete do Dr. Caligari, produzido pela Decla, foi um êxito em Berlim, depois nos Estados Unidos, na França e em outros países (Bordwell; Thompson, 2013, p. 699).

A cinematografia expressionista alemã buscava redefinir a concepção artística do cinema, distanciando suas imagens da realidade e aproximando-as, de forma análoga, ao teatro. Essa abordagem é crucial para a compreensão da estética do movimento, que se afastava da representação do cotidiano e do realismo, incorporando em suas cenas elementos considerados absurdos e fantasiosos do imaginário alemão. Embora não estabelecesse conexões diretas com a realidade, esse estilo era capaz de evocar sentimentos e sensações que refletiam as inquietações sociais da época.

Gradualmente, as nações europeias superaram o sentimento antigermânico e passaram a valorizar essa nova forma de fazer cinema, caracterizada por contrastes intensos, representações de insanidade e loucura, antirrealismo e, sobretudo, uma maneira singular de se conectar ao público e provocar impacto emocional, muitas vezes sem o uso de palavras.

No entanto, o movimento declinou quando a moeda alemã se estabilizou, tornando mais acessível a importação de filmes estrangeiros. Os estúdios da Universum Film AG (UFA), principal produtora de cinema na Alemanha, enfrentaram uma crise financeira, o que levou os produtores alemães a iniciarem negociações com seus pares italianos. Além disso, a forte influência dos Estados Unidos na indústria cinematográfica despertou o interesse de cineastas alemães em continuar suas carreiras em solo americano. O último filme produzido pela UFA no contexto do Expressionismo Alemão foi *O Anjo Azul*, dirigido por Josef von Sternberg em 1930, amplamente reconhecido como uma obra-prima representativa do movimento.

A estética proposta pelos cineastas expressionistas na Alemanha encontrou ampla aceitação durante a República de Weimar (1919-1933), período democrático anterior à ascensão do nazismo. No entanto, com a chegada do regime nazista, importantes nomes do cinema alemão, como Fritz Lang, emigraram para os Estados Unidos, recusando-se a trabalhar sob a nova ordem política. Com o tempo, as características da estética expressionista foram gradualmente se diluindo e se mesclando com outras abordagens e estilos, influenciando as décadas subsequentes. Essa evolução manifestou-se, por

exemplo, nos ângulos acentuados e nos jogos de sombras característicos dos filmes Noir, consolidando-se no cenário cinematográfico internacional.

Dessa forma, o Expressionismo influenciou efetivamente Hollywood, que absorveu essas referências e moldou o estilo visual de diversas produções que evocavam o espírito expressionista. Bordwell e Thompson (2013, p. 701). Afirmam que "apesar de o movimento alemão ter durado cerca de sete anos, o Expressionismo nunca desapareceu totalmente como uma tendência no estilo cinematográfico".

Essa influência manifesta-se de maneira proeminente no trabalho de cineastas como Alfred Hitchcock, que frequentemente incorporava referências a obras alemãs, e Tim Burton, cujo estilo distintivo reflete uma fusão entre o sombrio e o fantástico. Um exemplo notável é o filme *Batman: O Retorno* (1992), amplamente considerado uma tentativa moderna de capturar a essência do Expressionismo Alemão. As formas angulares dos edifícios e a estética agressiva da cidade de Gotham, bem como a aparência grotesca do Pinguim, interpretado por Danny DeVito, remetem, respectivamente, a *Metrópolis* (1927) e *O Gabinete do Dr. Caligari* (1920). Conforme Guimarães (2012, p. 130) observa, "outros detalhes significantes são os cenários de caráter gráfico e com predominância de linhas oblíquas, criando um jogo enviesado que aguça a percepção".

Como Aumont e Marie (2006) observam:

Realizado em 1919, logo após a Grande Guerra, O gabinete do Doutor Caligari teve uma imensa repercussão nos meios críticos europeus. Ele foi associado, de maneira simplificadora, ao movimento expressionista alemão (movimento essencialmente de poetas e de pintores), mas alguns críticos preocupados com a exatidão preferiram designar seu efeito e sua influência pelo termo mais limitado de "caligarismo", que recobre a imitação dos traços formais mais visíveis do filme de Erich Pommer e Robert Wiene: ênfase do grafismo, jogo sobre o desequilíbrio da imagem, mímica exagerada dos atores etc. Não houve realmente uma corrente "caligarista", mas muitos filmes em preto-e-branco vêm dessa tendência, inclusive em Hollywood (Aumont; Marie, 2006, p. 39-40).

Dessa maneira, elementos estilísticos originados do Expressionismo também são evidentes em obras contemporâneas de ficção científica. Por exemplo, *Blade Runner: O Caçador de Andróides* (1982), dirigido por Ridley Scott, reflete influências de *Metrópolis* (1927). De maneira similar, *Neblina e Sombras*

(1991), de Woody Allen, presta homenagem aos cineastas expressionistas Fritz Lang, Georg Wilhelm Pabst e F.W. Murnau.

Além disso, as influências da estética expressionista podem ser observadas na criação de personagens das histórias em quadrinhos que posteriormente foram adaptados ao universo cinematográfico hollywoodiano, como o personagem Joker, conhecido no Brasil como Coringa. O arqui-inimigo do Batman captura a complexidade e o caos psicológico que cativam o público desde sua primeira aparição nas páginas das histórias em quadrinhos da DC Comics, em 1940.

A origem desse vilão singular também remonta a fontes literárias, destacando-se a obra *O Homem que Ri* (1869), de Victor Hugo, adaptada para o cinema em 1928 por Paul Leni. O Coringa, criado por Bill Finger, Bob Kane e Jerry Robinson, emergiu como uma figura emblemática do crime e um arquétipo da insanidade. Sua concepção, embora multifacetada, encontra notável inspiração nas linhas sombrias e na expressão grotesca do personagem Gwynplaine, protagonista do *O Homem que Ri* (1928), cuja boca cortada em um sorriso permanente resulta em uma expressão facial aterrorizante.

7

Figura 1 – Comparação entre personagens



Fonte: O homem que ri (1928) e Joker (2019).

Na análise das complexas conexões entre a criação do Coringa e a representação cinematográfica de *O Homem que Ri* (1928), emergem elementos estéticos e psicológicos que transcendem as décadas, demonstrando como a inspiração de uma obra pode ecoar muito além dos limites de sua criação original. Linda Hutcheon, em sua obra *Uma Teoria da Adaptação* (2013), destaca a importância dessa intertextualidade, argumentando que as adaptações não são meras reproduções fiéis, mas reinterpretações que incorporam elementos do original de maneiras inovadoras e, muitas vezes, subversivas.

Após diversas aparições no universo das histórias em quadrinhos (HQs), o Coringa foi adaptado para a televisão com o ator Cesar Romero na série *Batman* da década de 1960, na qual foi retratado de forma mais leve e voltada para o público infantojuvenil. Contudo, sua consagração no cinema ocorreu com a interpretação de Jack Nicholson em *Batman* (1989), de Tim Burton, que trouxe uma mistura única de comédia e insanidade. Outras adaptações cinematográficas do personagem incluem a de Heath Ledger em *Batman: O Cavaleiro das Trevas* (2008), que lhe rendeu um Oscar póstumo, e *Joker* (2019), dirigido por Todd Phillips, no qual Joaquin Phoenix também foi premiado com o Oscar por sua atuação ao explorar de forma realista as origens do personagem.

JOKER (2019)

O filme *Joker* (2019), dirigido por Todd Phillips, narra a trajetória de Arthur Fleck, um homem marginalizado pela sociedade que, gradualmente, transforma-se no icônico vilão Coringa. Ambientado em uma Gotham City decadente e assolada por desigualdades sociais e econômicas, o enredo acompanha a progressiva desintegração mental de Arthur, que sofre de uma condição neurológica que lhe provoca risos incontroláveis em momentos inapropriados. Isolado, negligenciado pelas instituições de saúde pública e alvo de violência física e emocional, Arthur é empurrado para uma espiral de violência. Sua jornada culmina em um ato de rebelião contra as normas sociais estabelecidas, refletindo a corrosão de sua identidade e a emergência de sua nova persona, o Coringa.

O filme explora temas profundos de alienação, loucura e a relação entre o indivíduo e a sociedade, oferecendo um retrato psicológico perturbador e uma crítica social intensa. Nesse caso, a obra surge de uma narrativa original sobre a origem do personagem, embora o Coringa seja um personagem familiar ao público, o filme não adota uma história já contada nas HQs, optando por apresentar a perspectiva de Arthur Fleck, que gradativamente torna-se o Coringa.

Essa abordagem permite ao público descobrir detalhes sobre sua origem, frequentemente deixando o espectador em dúvida sobre o que é ou não real na história vivida pelo personagem. Essas distorções narrativas, são um dos pontos que delineiam os contornos expressionistas na atmosfera do filme.

O enredo desenvolve-se na Gotham City da década de 1980, um cenário decadente e caótico que reflete as questões sociais e econômicas da época, abordando a situação precária da cidade, marcada por desigualdades crescentes e uma onda de desemprego. O contexto histórico do filme ilustra um período caracterizado por recessões, desigualdades sociais acentuadas e o surgimento de movimentos contraculturais. A Gotham City do filme é inspirada na Nova York dos anos 1970, retratando uma metrópole em declínio, sofrendo com altos índices de criminalidade, desigualdades gritantes e uma sensação generalizada de desespero entre os cidadãos. Essa atmosfera sombria e desesperadora é central para a estética expressionista, que busca externalizar as emoções e angústias da sociedade por meio de uma representação distorcida e intensificada da realidade.

No filme, há uma greve dos lixeiros, um evento também ocorrido em Nova York na década de 1960, evidente nas cenas das ruas com lixo acumulado. A arquitetura decadente torna-se um reflexo da psique do personagem, com espaços urbanos desolados e iluminação contrastante que enfatizam a polarização social e a estratificação social. Esse cenário desolador contribui para a construção da atmosfera expressionista, na qual a cidade se torna um espaço simbólico que intensifica as emoções e conflitos internos do protagonista.

Arthur Fleck é retratado como um indivíduo marginalizado e negligenciado pela sociedade. O protagonista trabalha como palhaço de aluguel, refletindo a necessidade de realizar trabalhos diversos em uma economia em crise. A representação de sua jornada, desde um palhaço de rua até a transformação no icônico vilão Coringa, está intrinsecamente ligada às condições sociais adversas de Gotham City. A exploração da saúde mental, a falta de acesso a serviços de qualidade e a indiferença social contribuem para a construção de um personagem cujas experiências refletem as tensões e desafios da realidade socioeconômica decadente. Arthur encontra seu único conforto na relação com sua mãe, refletindo também a ausência de uma figura paterna, destacada em momentos nos quais ele idealiza ser tratado com carinho por seu apresentador favorito quando este o entrevistaria em seu talk show.

O EXPRESSIONISMO NO FILME

Longe de ser uma simples história de origem, *Joker* (2019) oferece uma reflexão profunda sobre temas como alienação, desigualdade e o colapso mental.

Através de sua estética visual e narrativa, o filme dialoga com influências do expressionismo cinematográfico, utilizando elementos estilísticos que realçam o estado psicológico do protagonista e a atmosfera de tensão que permeia a trama.

A obra aborda a temática da vida de Fleck como uma piada e a construção de uma persona fictícia, relacionando-se com o que viria a ser a mitologia do Coringa. Inicialmente, apresenta-se um personagem portador de uma patologia mental que o obriga a manter um sorriso exagerado, mesmo em momentos de dor. Essa característica é inspirada no personagem Gwynplaine, protagonista do filme *O Homem que Ri* (1928), que também apresentava um sorriso involuntário devido a uma deformação facial.

Desde o início do filme, é evidente que o protagonista não possui intenções maliciosas, demonstrando uma quase infantilidade em seu comportamento e em sua maneira de se expressar. Ele busca estabelecer conexões com os indivíduos ao seu redor, mas suas tentativas são repetidamente recebidas com ridicularização, escárnio e, em casos mais extremos, agressão física. As pessoas o evitam deliberadamente e manifestam desdém, criando um ciclo vicioso no qual suas tentativas de aproximação resultam em rejeição e hostilidade. Esse ciclo intensifica a percepção de sua estranheza, um aspecto que se alinha com a estética expressionista.

Na obra *Sintaxe da Linguagem Visual* (1997), Donis A. Dondis examina as características fundamentais das técnicas expressionistas, destacando elementos como o exagero, a espontaneidade, a atividade, a complexidade, a rotundidade, a ousadia, a variação, a distorção, a irregularidade, a justaposição e a verticalidade como centrais para a construção estética do expressionismo. Essas técnicas estão claramente presentes nos filmes do movimento expressionista e são visíveis no filme *Joker* (2019), com destaque especial para o exagero e a distorção.

Como ponto de partida desses aspectos no filme, a caracterização do protagonista revela um homem magro e singular, com dificuldades sociais, mas que busca insistentemente conexão com as pessoas, enfrentando constantes rejeições, agressões e ridicularizações, o que contribui para sua transformação ao longo da narrativa. À primeira vista, o protagonista pode ser considerado peculiar e distinto, não necessariamente repulsivo, mas marcadamente estranho. Sua estranheza se manifesta tanto em sua aparência, com um semblante

desprovido de vitalidade, quanto em suas vestimentas, que frequentemente parecem excessivamente largas.

Figura 2 - Deformação



Fonte: Joker (2019).

De acordo com Argan (1992), a deformação expressionista pode ser entendida como a transformação do belo em algo feio quando é transposto do mundo ideal ou imaginário para o mundo real. Embora a poética expressionista permaneça fundamentalmente idealista, ela se configura como a primeira poética do feio, em que o feio é percebido como o belo que foi corrompido e degradado.

Argan (1992, p. 240) aponta ainda que:

A deformação expressionista, que em alguns artistas chega a ser agressiva e ofensiva (por exemplo, Nolde), não é deformação ótica: é determinada por fatores subjetivos (a intencionalidade com que se aborda a realidade presente) e objetivos (a identificação da imagem com uma matéria resistente ou relutante). [...] A deformação expressionista não é a caricatura da realidade: é a beleza que, passando da dimensão do ideal para a dimensão do real, inverte seu próprio significado, torna-se fealdade, mas conservando seu cunho de eleição.

No início do filme, uma cena-chave revela um aspecto fundamental do personagem e sua relação com o ambiente ao seu redor: a cena no ônibus, em que Arthur Fleck tenta interagir com uma criança, mas é recebido com incompreensão e rejeição pela mãe do menino. Nesse momento, a risada patológica de Arthur é introduzida como uma resposta involuntária às emoções negativas. Ele entrega à mãe da criança um cartão explicativo sobre sua condição médica, o que ressalta a complexidade emocional do personagem e estabelece um elemento central para a compreensão de sua condição psicológica ao longo da narrativa.

Figura 3 – No trem



Fonte: Fonte: Joker (2019).

Outro aspecto relevante é o papel crucial desempenhado pela fotografia, que utiliza cores específicas para transmitir as emoções e estados mentais do protagonista. A cor azul é associada a momentos depressivos, enquanto o amarelo simboliza a euforia. O verde, resultante da combinação de azul e amarelo, representa a racionalidade, visível nos momentos em que o Coringa age de maneira calculada. Além disso, a fotografia emprega o branco para criar uma atmosfera desvinculada da realidade, questionando a veracidade dos eventos narrados sob a perspectiva de Fleck. Esses questionamentos sobre o que é real ou imaginário são características marcantes da estética expressionista.

Além disso, a maquiagem de Arthur Fleck reflete sua evolução psicológica, passando de uma delimitação mais precisa no início do filme para uma expressão mais caótica e irrestrita à medida que ele se transforma no Coringa. A atenção aos detalhes, como a mudança de tonalidade do terno, ressalta a meticulosidade na construção da narrativa.

Na abertura do filme, destaca-se uma cena íntima em que o protagonista se maquia diante do espelho, transformando seu rosto em um palhaço. Quando examinada mais detalhadamente, a cena revela seu isolamento, pois ele está sozinho em um canto, enquanto outros colegas interagem à distância. O diretor utiliza a câmera para enfatizar esse isolamento e acentuar o desconforto no espectador. O ato de aplicar a maquiagem e forçar um sorriso revela uma dualidade entre a aparência externa alegre e a tristeza subjacente, marcada por uma lágrima que escorre pelo rosto do protagonista.

Figura 4 - Maquiagem



Fonte: Fonte: Joker (2019).

Essa representação inicial, tanto visual quanto emocional, estabelece a atmosfera do filme e prepara o terreno para a exploração da jornada psicológica do personagem principal, cujo comportamento é moldado por interações sociais adversas. Ao provocar deliberadamente o desconforto, o diretor busca envolver o espectador de maneira intensa, proporcionando uma experiência cinematográfica única e provocativa.

Nas produções do expressionismo alemão, os atores, predominantemente oriundos do teatro, desempenhavam um papel central, com especial ênfase na expressão facial. Segundo Guimarães (2016), o conceito de fotogenia se destaca como um elemento-chave, integrando-se a um dos três principais períodos teóricos sobre o rosto do ator, ao lado das dicotomias "máquina-máscara" e "alma-tela". A fotogenia, inicialmente associada às vanguardas europeias dos anos 1920, é reconhecida por sua relevância na representação cinematográfica da época.

Destarte, Guimarães (2016, p. 223) define a fotogenia como "o efeito quase miraculoso que a visão aproximada do rosto desencadeia nos espectadores, mesclando admiração, inquietação, fascínio e êxtase". Essa característica é particularmente evidenciada nas expressões faciais intensamente expressivas dos filmes expressionistas. Em *Joker* (2019), a fotogenia emerge como um elemento crucial na construção da narrativa, evidenciando o rosto como um meio primordial de expressividade e comunicação emocional.

Outro elemento de destaque na obra é a trilha sonora, que desempenha um papel crucial na construção da atmosfera emocional e na intensificação da carga dramática ao longo da narrativa expressionista. Bordwell e Thompson (2013) classificam o som em duas categorias: diegético e não diegético. Sons não

diegéticos são definidos como provenientes de uma fonte externa ao espaço da narrativa, como a música que acompanha a imagem ou o comentário do narrador. Na obra em questão, observa-se uma clara predominância de sons não diegéticos ao longo de toda a narrativa.

Uma das composições mais emblemáticas é *Smile*, interpretada por Jimmy Durante. Quando Arthur Fleck finalmente abraça sua identidade como Coringa, essa faixa é tocada, aprofundando a intensidade dramática do momento. A escolha da música revela uma conexão significativa com a jornada emocional do personagem, cuja letra aborda a ideia de sorrir mesmo diante das adversidades, um tema que ressoa profundamente com a transformação de Fleck em Coringa. A canção serve como um contraponto irônico, contrastando a mensagem aparentemente positiva da música com a escuridão e a violência retratadas na cena.

Além disso, a composição original *Bathroom Dance*, de Hildur Guðnadóttir, é notável por sua presença durante um dos momentos mais intensos e perturbadores do filme. A música ressoa com a tumultuada jornada psicológica de Fleck, intensificando a dramaticidade da cena no banheiro, onde sua transformação em Coringa é consumada. O uso estratégico do silêncio em determinados momentos também merece destaque. O silêncio torna-se uma ferramenta poderosa, criando tensão e destacando a cruza de certas cenas, ampliando a dramaticidade da narrativa.

Figura 5 – Dança no banheiro



Fonte: Fonte: Joker (2019).

A música *That's Life*, de Frank Sinatra, também desempenha um papel significativo na trilha sonora, sendo associada aos momentos cruciais da vida do protagonista, como suas reflexões sobre sua realidade e sofrimento rotineiro.

Outra cena emblemática é a dança de Arthur Fleck na escadaria, acompanhada pela música *Rock and Roll Part 2*, de Gary Glitter, logo após sua caracterização como Coringa e antes do clímax da trama. Essa escolha musical destaca-se por criar uma atmosfera de euforia e triunfo momentâneo para o personagem, enquanto ele abraça sua nova identidade e desafia as adversidades, dançando após assassinar um colega de trabalho e momentos antes de sofrer uma perseguição policial.

Esses elementos sonoros não apenas reforçam a carga dramática, mas também se alinham com os princípios da estética expressionista, na qual a manipulação sensorial serve para intensificar a subjetividade e a intensidade emocional da narrativa. A escolha de músicas que contrastam ironicamente com as cenas visuais evidencia uma estratégia expressionista de criar uma dissonância que amplifica o impacto psicológico da obra. Assim, a trilha sonora não apenas complementa a narrativa, como também solidifica a obra dentro da tradição expressionista, caracterizada pela ênfase na subjetividade, no exagero emocional e na construção de uma atmosfera profundamente evocativa.

O filme, embora tenha gerado polêmicas devido à sua intensidade e abordagem, destaca-se pela exploração da saúde mental, da sociedade e da ambiguidade moral do personagem. Em alguns momentos, o protagonista justifica suas ações como resultado de sua invisibilidade social, conferindo-lhe, inclusive, um status de símbolo de resistência social frente às injustiças éticas e morais, dialogando de forma velada com o público sobre os limites do certo e do errado.

Neste ponto, *Joker* (2019) estabelece uma conexão direta com a célebre obra do cinema expressionista *O Gabinete do Dr. Caligari* (1920). Em *Caligari*, a estilização expressionista é utilizada para transmitir o ponto de vista distorcido de um personagem insano, permitindo ao espectador vivenciar o mundo conforme a imaginação do protagonista. Essa função narrativa torna-se clara na cena em que o protagonista entra em um hospital psiquiátrico à procura do Dr. Caligari. Ao parar e observar ao seu redor, ele se encontra no centro de uma estrutura de listras alvinegras que se irradiam pelo chão e pelas paredes. Bordwell e Thompson (2013, p. 700) descrevem essa técnica afirmando que "o mundo do filme é literalmente uma projeção da visão do protagonista".

A cena final de *Joker* leva o espectador a questionar se os eventos narrados realmente ocorreram ou se são meros delírios de Arthur Fleck. Esse momento faz eco ao desfecho de *O Gabinete do Dr. Caligari* (1920), em que o Dr. Caligari encara diretamente a câmera, deixando no ar a dúvida sobre a veracidade dos assassinatos atribuídos a ele, que ao longo da trama são desmentidos como um possível delírio do noivo de uma das vítimas, um interno de uma clínica psiquiátrica. Bordwell e Thompson (2013, p. 700) afirmam que, em relação à cena final de *O Gabinete do Dr. Caligari* (1920), "a estilização expressionista funciona para transmitir o ponto de vista distorcido de um louco. Vemos o mundo como o protagonista imagina que ele seja." Essa citação é igualmente aplicável a *Joker* (2019), onde a estilização expressionista serve como uma ferramenta narrativa e visual que imerge os espectadores na perspectiva subjetiva e frequentemente distorcida da realidade vivenciada pelo protagonista.

Figura 6 – Conversa com psiquiatra



Fonte: *Joker* (2019).

Desse modo, essas comparações revelam como *Joker* (2019) utiliza a estilização expressionista para aprofundar a subjetividade e a distorção da realidade. Através de elementos visuais e estilísticos, o filme amplifica a percepção distorcida de Arthur Fleck, proporcionando ao espectador uma imersão na psique instável do protagonista. A técnica de estilização expressionista não apenas intensifica a carga dramática da narrativa, mas também acentua a dúvida sobre a veracidade dos eventos, questionando a linha entre a realidade e a ilusão. Dessa maneira, *Joker* demonstra a eficácia da estética expressionista em criar uma experiência cinematográfica profunda e provocativa, evidenciando a capacidade do expressionismo de explorar e transmitir as complexidades da mente humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do aspecto expressionista em *Joker* (2019) evidencia como o filme utiliza a representação visual para transmitir as emoções e os conflitos internos do protagonista. A escolha das cores, a caracterização e a psique alterada do protagonista, os elementos sonoros, o uso de sombras e a iluminação dramática são recursos estilísticos que intensificam a natureza subjetiva da narrativa. A distorção visual e a intensificação emocional, características centrais do expressionismo, são empregadas para destacar a desintegração psicológica de Arthur Fleck e a decadência da sociedade ao seu redor.

Além dos aspectos visuais, a trilha sonora dramática e a utilização das cores para indicar o estado mental do protagonista, juntamente com a contextualização social e histórica apresentada no filme, convergem de forma impactante com a estética expressionista. Esses elementos enriquecem a narrativa ao oferecer uma representação visual e emocionalmente intensificada das complexidades sociais e psicológicas exploradas em *Joker* (2019). A interação entre esses aspectos contribui significativamente para a profundidade e a força da experiência cinematográfica, elevando o filme a uma obra que transcende o gênero dos filmes de quadrinhos e explora temas universais e atemporais por meio de uma lente expressionista contemporânea.

Portanto, *Joker* (2019) não apenas presta homenagem ao expressionismo alemão do início do século XX, mas também adapta e reinventa esses princípios para uma nova geração, oferecendo uma reflexão profunda sobre a subjetividade e a distorção da realidade, e contribuindo de maneira significativa para o legado deste estilo artístico.

REFERÊNCIAS

- AUMONT, Jacques. **O olho interminável** [cinema e pintura]. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. 2 ed. Campinas: Papirus, 2006.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. Tradução: Denise Bottmann e Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

- BORDWELL, David. **Sobre a história do estilo cinematográfico**. Tradução: Luís Carlos Borges. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema: uma introdução**. 1 ed. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Edusp, 2013.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. **Histórias em quadrinhos & cinema: adaptações de Alan Moore e Frank Miller**. 1 ed. Curitiba: UTP, 2012.
- GUIMARÃES, Pedro Maciel. **O rosto do ator: da expressão fotogênica ao reflexo externo**. Revista Sala Preta, v. 16 – nº 2, 2016, p. 220-232. Disponível em: <https://revistas.usp.br/salapreta/article/view/100878>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. 2ª ed - Florianópolis: UFSC, 2013.
- JOKER; Direção: Todd Phillips. Produção: Village Roadshow Pictures. Estados Unidos: Warner Bros, 2019. 1 DVD (123 min.).

Enviado em: 12 de fevereiro de 2025
Aprovado em: 13 de fevereiro de 2025